

A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza.

Todas nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Entretanto, por que não se tem esse direito? Por que não é livre o homem de pôr termo aos seus sofrimentos?

Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta, somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica. Antes o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas.

Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos.

APRESENTAÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde, morrem no mundo, anualmente, perto de quinze milhões de pessoas. São dados não plenamente confiáveis, tendo em vista a precariedade dos levantamentos estatísticos, principalmente em países subdesenvolvidos.

De qualquer forma, para uma população atual de cerca de sete bilhões e duzentos milhões de habitantes, é um número expressivo.

Gente que morre de “morte morrida”; digamos natural, de velhice. Gente que morre de acidente; gente que morre assassinada; gente que morre por desleixo com o corpo; gente que morre por cultivo de vícios.

E há, infelizmente, gente que morre por estar em guerra consigo mesma – os suicidas, que pretendem abreviar a vida para livrar-se das dores do mundo.

Calcula-se que, anualmente, pelo menos novecentas mil pessoas retornam ao plano espiritual por essa porta falsa, que apenas as precipita em sofrimentos mil vezes acentuados, a ponto de enfatizarem os que se manifestam em reuniões mediúnicas:

O pior sofrimento da Terra não se compara ao meu!

Será assim mesmo? Como podem os Espíritos fazer afirmativas com tamanha convicção?

É simples.

Basta conversar com os suicidas que, invariavelmente, onde se manifestam, fazem a mesma revelação.

Não obstante a profusão de comprovações sobre a sobrevivência da alma humana, de que é pródiga a ciência espírita e que Allan Kardec denominou *universalidade dos ensinamentos espíritas*, com a perfeita identidade de informações transmitidas por médiuns que não se relacionam entre si, nem têm conhecimento dos princípios espíritas, sempre haverá os negadores, mas estes também atravessarão as portas do túmulo e constatarão, deslumbrados ou assombrados, as realidades do mundo espiritual, o verdadeiro, enquanto este em que estagiamos é apenas ilusão.

Para os que estão convencidos de que a vida continua, ficam estas páginas contando experiências relacionadas com o suicídio e, sobretudo, com o empenho dos benfeitores espirituais para evitar esse que é o mais grave desastre que pode acontecer com os desavisados, a imaginar, equivocadamente, que a vida termina no túmulo.

Boa leitura, amigo leitor, boa inspiração, a fim de que jamais essa funesta ideia ganhe presença no espaço mais sagrado de nossa existência – a consciência, nossa porta de contato com Deus – plena de bênçãos quando a mantemos limpa e arejada pelo bom ânimo e a coragem de enfrentar as atribulações humanas, segundos na eternidade de bênçãos que aguarda os que não desistem de viver, orientados pela disposição de servir.

Boa leitura!

Deus o abençoe!

Bauru, primavera de 2018.

e-mail: richardsimonetti@uol.com.br

site: www.richardsimonetti.com.br

Sumário

| | |
|---|----|
| Capítulo 1 <i>DIO SIA LODATO!</i> | 11 |
| Capítulo 2 <i>ENCONTRO COM O DESTINO</i> | 17 |
| Capítulo 3 <i>TRAVANDO CONTATO</i> | 21 |
| Capítulo 4 <i>SURPREENDENTE REVELAÇÃO</i> | 27 |
| Capítulo 5 <i>NOVOS RUMOS</i> | 33 |
| Capítulo 6 <i>ALÉM DAS MÃOS</i> | 39 |
| Capítulo 7 <i>NOVA TAREFA</i> | 43 |
| Capítulo 8 <i>A CARTA SALVADORA</i> | 45 |
| Capítulo 9 <i>O RETORNO DO ÍNDIO</i> | 49 |
| Capítulo 10 <i>MORTE POR “ACIDENTE”</i> | 55 |
| Capítulo 11 <i>A DEDICATÓRIA SALVADORA</i> | 65 |
| Capítulo 12 <i>QUESTÕES DE GÊNERO</i> | 73 |

| | |
|---|------------|
| Capítulo 13 | |
| INDUÇÃO AO SUICÍDIO..... | 83 |
| Capítulo 14 | |
| DIÁLOGO ESCLARECEDOR..... | 95 |
| Capítulo 15 | |
| TESTEMUNHO INESQUECÍVEL..... | 101 |
| Capítulo 16 | |
| A MAGIA DAS MÃOS | 105 |
| Capítulo 17 | |
| SOCORRO PROVIDENCIAL..... | 109 |
| Capítulo 18 | |
| SURPRESA FELIZ | 115 |
| Capítulo 19 | |
| CORRENTE DE ORAÇÃO | 123 |
| Capítulo 20 | |
| MORATÓRIA MISERICORDIOSA..... | 129 |
| Capítulo 21 | |
| A VOLTA POR CIMA | 135 |
| Capítulo 22 | |
| SUICÍDIO INDIRETO..... | 141 |
| Capítulo 23 | |
| EXPERIÊNCIAS SURPREENDENTES..... | 145 |
| Capítulo 24 | |
| LIBERADO ENFIM..... | 151 |
| Capítulo 25 | |
| SEMPRE ATENTO..... | 157 |
| Capítulo 26 | |
| FINAL FELIZ..... | 163 |

Capítulo 1

DIO SIA LODATO!

A desilusão amorosa é má conselheira.

Suas sugestões contrariam, não raro, o bom senso, induzindo seus *maleficiários* – com perdão do pífio neologismo, caro leitor – a iniciativas comprometedoras.

Afinal, ruminava Suzana Colares, por que continuar a viver se a sua existência, aos 26 anos perdera o significado e o objetivo?

Filha única, família de classe média, seu pai falecera há muitos anos.

Rosália, a mãe extremada, seu apoio, sua segurança, falecera seis meses antes.

E agora, para culminar com sua desdita, Luiz Gustavo, de quem estava noiva, resolvera desfazer a ligação, alegando não amá-la o suficiente para ficarem juntos.

Essa história de amor insuficiente cheirava-lhe um amor intruso interpondo-se entre ambos.

Procurando abafar suas mágoas, pretendia dedicar-se ainda mais aos alunos, na escola estadual onde trabalhava.

Era professora competente, lecionava para alunos do ensino fundamental, meninada de quatorze anos. Tinha futuro promissor na área de ensino, Suzana porém estava com a mente demasiado conturbada para qualquer iniciativa capaz de romper a ideia fixa: Não valia a pena viver!

Lamentável equívoco, que abria sua vida íntima a Espíritos que se comprazem em perturbar as pessoas, por vingança ou simples prazer.

O perigo está em asilarmos ideias do tipo *Deus bem poderia levar-me*, ou *seria melhor morrer*.

Perto de um milhão de pessoas matam-se no mundo, anualmente, pelos mais variados motivos e até sem motivo algum, simplesmente por cederem a impulsos momentâneos, que crescem sob influência de correntes de vida mental inferior que passam a sintonizar quando usam a perigosa senha: *seria melhor morrer!*

Era exatamente nisso que pensava, a aguardar o ônibus, por volta de dezoito horas, ao término de sua jornada de trabalho.

O viaduto do Chá, famoso pelo número de pessoas que fizeram dele seu trampolim para o Além, veio à sua mente. Estava longe, mas nada que uma corrida de táxi não resolvesse.

Antes que pudesse fazer qualquer sinal, um deles parou ao lado. O motorista, um senhor idoso, cabeleira prateada, fisionomia simpática, abriu-lhe a porta do banco traseiro.

– Para onde vamos? – perguntou, sorridente.

– Viaduto... Viaduto do Chá... – balbuciou, reticente.

– *Dio sia lodato!*

– Não entendi.

O motorista sorriu.

– Desculpe, é uma expressão italiana. Significa *Deus seja louvado!* Sou neto de italianos, mas essa frase é tudo que sei. Era pronunciada com frequência por minha avó, italiana da Calábria. Ela dizia que devemos pôr sempre Deus no começo e fim de nossas ações, como inspiração para as boas ações e combate aos maus pensamentos.

Aquelas considerações chocaram Suzana. O motorista tinha razão. Vergonhosa sua cogitação. Tudo errado. Não era

nada disso que desejava, não era seu jeito de ser, mas deixara-se levar, como alguém preso a incontrolável atração pelo abismo.

O carro movimentou-se e, após breves momentos, Suzana experimentou outra surpresa, desta feita enorme, inexplicável.

O motorista voltou-se para ela e disse:

– Dona Rosália está dizendo que se sente envergonhada por ver a sua filha prestes a cometer uma loucura!

Fosse cardíaca e Suzana teria morrido ali mesmo, de susto. Como poderia estar ouvindo tal afirmativa, se não conversara com ninguém sobre sua conturbação? E como o motorista poderia saber o nome de sua mãe?

– Desculpe – falou, vacilante –, não entendi...

Ele a olhava sorridente pelo espelho retrovisor.

– Foi isso mesmo. Dona Rosália, sua mãezinha, está triste, por ver sua filha, de quem cuidou com tanto carinho, com maravilhosos exemplos de coragem e confiança em Deus, prestes a cometer um ato de covardia.

Não apenas perplexa, a jovem estava profundamente envergonhada, mas tentou disfarçar.

– Não sei do que o senhor está falando...

– Sabe, sim, Suzana. Não é esse o seu nome?

– Sim, mas certamente o senhor não me conhece...

– Estou conhecendo agora, por intermédio de dona Rosália.

– Minha mãe morreu...

– Morreu, não. Desencarnou! O Espírito é imortal. Por isso ela está aqui. Fique tranquila. Meu nome é José Maria. Atendendo sua mãezinha, estou aqui para ajudá-la.

Totalmente desarmada em seus propósitos, a jovem balbuciou:

– O senhor poderia explicar-me o que está acontecendo?

– É simples, minha querida. Sou médium e dotado da faculdade da vidência. Vejo os Espíritos. Quando você entrou

no carro, sua mãe entrou junto. Avisou-me de sua intenção e pediu que a socorresse.

– E ela continua aqui?

Embora impactada pelo que estava acontecendo, a jovem vacilava em acreditar numa intervenção espiritual, mesmo porque, argumentava com seus botões, aprendera nas aulas de evangelização que as almas dormem após a morte, até o juízo final.

José Maria informou:

– Dona Rosália está dizendo que esse descanso até o juízo final é conversa para boi dormir.

Suzana rendeu-se à evidência. Sua mãe usava com frequência essa expressão quando se reportava a fantasias religiosas.

– O senhor me desculpe. Tudo o que falou é verdade, inclusive quanto à intenção de acabar com minha vida. Eu nunca cogitei dessa loucura e, em sã consciência, jamais a cometeria. No entanto, a ideia cresceu dentro de mim e não sei o que faria sem sua ajuda.

– Sua mãe já me informou a respeito. Sei que está desiludida e infeliz. Mas saiba que a desilusão é um bem, significa que estava iludida.

– Meu Deus! Até isso o senhor sabe!

– Dona Rosália contou.

Após dar o endereço de sua casa, agora menos agitada, mas curiosa, Suzana perguntou:

– Se não for incômodo, senhor José Maria, gostaria que me falasse sobre esse seu poder.

– Não tenho nenhum poder, minha querida. Como lhe disse, sou apenas médium, com sensibilidade que me permite, eventualmente, ver os Espíritos. Vivemos rodeados deles. Tem mais gente do lado de lá do que de cá.

– Por que eventualmente?

– Só acontece por iniciativa dos mentores que me assistem. E rendo graças a Deus por isso. Seria de enlouquecer vê-los o tempo todo. Há visões horríveis!

– Sempre foi assim?

– Desde a infância. Os familiares pensavam que era fantasia, o amigo imaginário, de que falam os psicólogos.

– Não acharam que o senhor era doido?

– Na adolescência, sim, até que resolvi seguir o conselho de Teotônio.

– Teotônio?

– Meu guia espiritual. Foi ele quem passou a orientar-me. Deixei de falar sobre os fenômenos até a idade adulta. Contrariando os familiares, comecei a frequentar um Centro Espírita e a estudar a Doutrina para aprender lidar com os mortos.

Suzana estava decididamente perplexa. Jamais poderia imaginar alguém com semelhante faculdade.

– Deve ser difícil ter essa sensibilidade, sentindo o que vai no íntimo das pessoas e percebendo que é bem diferente do que aparentam.

– Sem dúvida, chega a ser constrangedor, em alguns casos, principalmente com amigos e familiares. É doloroso perceber que pensam diferente do que aparentam, mas a gente se acostuma. São *ossos do ofício*.

– O senhor é casado?

– Sim, e muito feliz com minha esposa, que me visita frequentemente.

– Então estão divorciados?

– Apenas separados momentaneamente. Ela partiu há cinco anos para a pátria espiritual e já está preparando nossa nova moradia para nos reunirmos quando chegar minha hora, atendendo à fatalidade da morte. Estou com oitenta e cinco anos, *fazendo serão*, como o trabalhador que continua na ativa depois da aposentadoria. E servir aos bons Espíritos é a melhor

opção em nossa idade. O táxi é uma distração e um ambiente reservado para colaborar com nossos mentores.

Suzana estava perplexa. Jamais ouvira conceitos tão confortadores, diante da morte de um ente querido.

José Maria, que parecia ler seus pensamentos, concluiu:

– A morte, Suzana, não separa os que se amam.

– Minha mãe ainda está aqui?

– Talvez, mas já não a vejo. Deixou um último recado. Confie em Deus e siga com sua vida. Você tem tarefas a serem desempenhadas e ela estará sempre a ajudá-la.

– O senhor está falando de um assunto proibido na igreja que frequento. Ali consideram que é o diabo quem se apresenta nessas manifestações, disfarçando-se de familiar nosso para nos iludir.

– Sei disso, Suzana. A ignorância costuma ser atrevida, levando a concepções totalmente equivocadas. Muita gente morreu queimada na Idade Média em decorrência disso. Aprendemos com o Espiritismo que os mortos estão bem vivos e acordados. Nossos familiares torcem por nós, trabalham por nós, esperam por nós. Se você estiver interessada, compareça no sábado à nossa reunião das dezessete horas.

Já à porta de sua casa, Suzana pegou um cartão de José Maria com o endereço do Centro e perguntou o preço da corrida.

– Não é nada, minha jovem. Quando estou a serviço dos mortos é proibido receber remuneração.

– Muito obrigada! Deus lhe pague! O senhor literalmente salvou minha vida, não apenas no sentido físico, mas como concepção. Esteja certo de que me verá em breve no Centro. E como diz, *Dio sia lodato!*

– *Dio sia lodato*, minha querida! Até breve.

Suzana entrou com a forte impressão de que aquele encontro mudaria sua vida.

Capítulo 2

ENCONTRO COM O DESTINO

Agora, com plena convicção de que sua mãezinha continuava viva, liberta do corpo físico, Suzana sentia-se profundamente envergonhada.

Como pudera dar-lhe o desgosto de decidir-se por uma fuga, quando tivera, de sua parte tantos exemplos de coragem e disposição para enfrentar a adversidade?

Rosália jamais esmorecera, sempre disposta ao testemunho de sua crença em Deus, que, conforme não cansava de ensinar-lhe, é um pai de infinito amor e misericórdia empenhado em amparar seus filhos.

E de repente ela, Suzana, educada com tanto carinho, pensara em encarar a morte para furtar-se a uma desilusão!

Em seu benefício podemos dizer, caro leitor, que a lamentável decisão não estava de acordo com sua índole.

Digamos que ela teve um momento de vacilo.

Aí reside o perigo.

Pessoas de boa índole podem, numa reação negativa a situações difíceis, asilar o pensamento de *fazer coisas que até Deus duvida*, como, por exemplo, imaginar que seria melhor *sumir*.

É o suficiente para sintonizarem com correntes de vida mental inferior, que as levam ao comprometedor deslize, do qual se arrependarão amargamente.

E isso ocorre não apenas em relação ao suicídio.

Por um momento de invigilância, adultérios são consumados, casamentos são desfeitos, crimes são cometidos, amizades são destruídas, atos comprometedores são perpetrados...

Quando perdemos o controle sobre nossas ações, regredimos a estágios primários de evolução, com consequências imprevisíveis.

Problemas e males variados que hoje nos afligem constituem mera herança do que aprontamos em vidas anteriores, ao permitir que os instintos superassem a razão.

É no momento de desatenção que nos comprometemos, até quando estamos imbuídos dos melhores propósitos.

Assim, Simão Pedro negou três vezes conhecer Jesus na noite fatídica de sua prisão.

Assim, Paulo de Tarso decidiu perseguir os cristãos, situando-os como ameaças ao judaísmo.

Assim, Judas traiu Jesus, empolgado pela ideia de uma revolução resultante de sua prisão.

E todos amargaram as consequências de seus equívocos.

O mal se ausentará de nosso mundo quando as pessoas seguirem a singela recomendação de Jesus: *orar e vigiar*.

Suzana teve uma noite agitada, com dificuldade para conciliar o sono.

Acordou por volta de seis da manhã com o telefone a funcionar como despertador.

Era Lucélia, sua colega de magistério.

– Bom dia, Suzana.

– Oi Lucélia, bom dia. O que houve? Caiu da cama?

– Infelizmente é algo mais grave. Silas suicidou-se.

Silas era um menino difícil.

Sentava-se nas últimas fileiras, alheio geralmente às aulas, fechado em si mesmo.

Não era dedicado ao estudo e faltava com frequência.

Expressão de poucos amigos, distanciava-se dos colegas e dela própria.

Suzana reconhecia que não nutria simpatia por ele e, como já ocorrera em relação a outros alunos, simplesmente procurava ignorá-lo, a fim de evitar aborrecimentos.

À tarde compareceu ao velório.

Encontrou alunos e professores que vinham solidarizar-se com a família. O ambiente era de consternação.

Introvertido e tímido, Silas jamais passara a ideia de que pensava em matar-se, algo inusitado em sua idade, mas que vai se disseminando entre os jovens.

Pesquisadores tentam definir por que alguém em pleno vigor físico, despertando para a vida, dela deseja furtar-se.

Todas as explicações são válidas, exprimem preocupação com o problema, mas ele persistirá e se ampliará até que as pessoas compreendam que a vida não é mero acidente biológico, da qual possamos dispor ao nosso arbítrio.

O próprio instinto de conservação, presente em todos os seres vivos, sinaliza que é preciso preservar a integridade física.

Todos se sujeitam a ele. As exceções correm por conta de uma contradição da espécie que exercita a razão e a capacidade de escolher.

Estão dispostos a enfrentar o que não veem – o mundo espiritual, mas acovardados diante do que veem – os desafios do mundo físico.

Conversando com Lucélia, Suzana recebeu informações que a chocaram.

Os pais de Silas haviam falecido em sua infância.

Estivera num orfanato durante alguns anos, até que uma tia resolve acolhê-lo.

Seu gesto de boa vontade não encontra a ressonância no marido, alcoólatra inveterado, que tratava Silas como um empregado, impondo-lhe tarefas variadas, agredindo-o quando não cumpria suas ordens.

O menino sentia-se um estranho no ninho, adotando uma postura introvertida, às voltas com seus fantasmas interiores, que sinalizavam o suicídio.

Suzana sentia-se mal por não ter dado a Silas a atenção devida. Tentava justificar-se perante a própria consciência, considerando seu jeito arredio.

Reconhecia, todavia, que justamente por sua maneira de ser, reveladora de profundos desajustes, deveria ter se ocupado mais dele.

Lembrou-se de sua própria situação. Não fosse por José Maria e estaria sendo velada também.

Embora pesarosa com sua desatenção em relação ao menino, aquele funesto acontecimento, somado à sua desilusão amorosa, teria influência decisiva em seu futuro.

Reconhecia que era preciso deixar de considerar-se uma coitadinha, e aprender a olhar mais detidamente as pessoas.

Não possuía a sensibilidade de José Maria, mas aprenderia a conhecer melhor seus alunos, buscando ajudá-los em seus problemas existenciais.